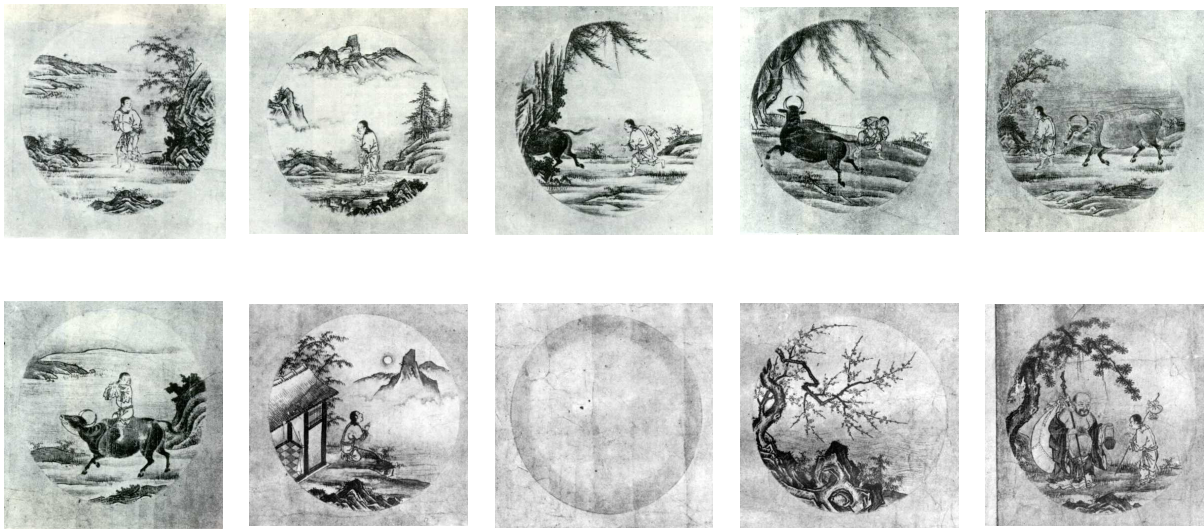


Sesshin, Paris, 24 de Novembro de 1995



Os dez desenhos do boi

1. PROCURANDO O BOI



O fato é que o boi jamais havia se perdido, porque então se o deveria buscar? Mas tendo dado suas costas à Verdadeira-Natureza, não pode por isto enxergá-lo. Por causa de suas contaminações, não pode vê-lo. Repentinamente ele se depara com um emaranhado confuso de encruzilhadas. Cobiça de ganho mundano, e medo de perda, se erguem como labaredas enormes, idéias de certo e de errado surgem como punhais.

*Desolado caminhando pelos arbustos, e temeroso das selvas,
Eis que ele busca o Boi, não o encontrando.
Para cima e para baixo, em rios sombrios desconhecidos e ameaçadores,
Nos bosques das montanhas profundas, ele percorre muitas trilhas.
Muito cansado, com o coração exaurido, ele prossegue em sua busca
Por este algo que ainda não consegue localizar.
De noite ele ouve o som das cigarras, chilreando nas árvores.*

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

É o comentário do primeiro desenho. Para cada um dos desenhos a primeira parte é uma poesia, a segunda parte é uma explicação. O tempo que dispomos (hoje e amanhã) é curto demais para comentar cada desenho de forma aprofundada, e é por isto que eu explicarei somente certos pontos sobre elas. Este texto trata da busca por si mesmo. Aqui, o boi é o verdadeiro eu mesmo.

No primeiro desenho, vemos o rapaz que parte à cata do boi, o que quer dizer que ele busca a si mesmo.

Mestre Dogen dizia que compreender a questão da vida e da morte é a coisa mais importante pra nós budistas. Mas esta questão de compreender a si mesmo é importante não somente para os budistas, mas para todos.

Na frente do templo de Delfos pode ser lida a inscrição *gnothi seauton*, “Conheça-se a si mesmo”. Mas se bem que exista em nós uma parte do divino, enquanto humanos somos mortais, e é preciso que isto seja compreendido. Qual é a motivação que nos leva a nos interessar em religiões? Porque sabemos que somos mortais, buscamos a imortalidade, o absoluto, através da religião, buscamos uma resposta a esta questão da morte. De fato, a morte que destrói a pessoa pode ser um caminho para salvá-lo.

Nos mosteiros zen, de manhã e de noite, batemos três carreiras de batidas sobre um pedaço de madeira: na primeira carreira, sete batidas, na segunda, cinco batidas e na terceira três batidas. Neste pedaço de madeira há a seguinte inscrição: “A questão da vida e da morte é muito importante. O tempo passa rapidamente. Por favor, despertem, não desperdicem tempo à toa”. Quando batemos na madeira sete vezes, temos tempo; durante as cinco batidas subseqüentes, temos um pouco menos tempo; mas quando chegamos a três batidas, não há mais tempo sobrando absolutamente! Neste momento, estamos efetivamente aqui, mas quem sabe se daqui a uma semana, um mês, a morte não possa nos alcançar? Não morreremos necessariamente de velhice, existem múltiplas causas que podem levar à morte: acidentes, doenças graves, tais como o câncer, etc.

No Shobogenzo escrito por Mestre Dogen, existe um capítulo intitulado “Shime”, “Os quatro cavalos” no qual Mestre Dogen compara estes cavalos a nossa consciência e nos explica que para que avancem, devem ser golpeados.

O primeiro cavalo, sendo muito estúpido, é preciso batê-lo muito forte, e desta forma o chicote lhe lacera a pele, a carne e penetra até os ossos. É somente assim que ele vai para a frente; o segundo cavalo, um pouco menos estúpido, deve ser batido também, mas um pouco menos forte, e somente a pele e a carne são lacerados; para o terceiro cavalo, é preciso somente bater-lhe na pele para que avance; quanto ao quarto, não tem necessidade sequer de ser tocado, somente a visão da sombra do chicote lhe faz ir para a frente.

Quando ficamos sabendo da morte de alguém, esta novidade não nos preocupa muito. Todos os dias, não somente na França, mas também no mundo inteiro, vemos na televisão imagens das guerras e seus mortos, da fome, a miséria das crianças, os assassinatos... Neste momento, isto nos atinge, mas como as imagens continuam a desfilar e nos falam de coisas completamente diferentes, do esporte, da economia, etc., nos esquecemos muito rapidamente das imagens precedentes. Entretanto, ao ver estas imagens, algumas pessoas, inconscientemente, sentem subitamente um desconforto e começam uma busca. Busca do que?

Não sabemos o que estamos buscando, mas buscamos. É um pouco como quando estamos num nevoeiro: não sabemos de onde estamos vindo e para onde estamos indo.

O budismo Zen coloca incessantemente estas perguntas: “Quem é você?”, “Qual é o seu nome?” “De onde você vem?”

Se algumas pessoas sentem um desconforto, é porque, para elas, todas as coisas perdem o valor, tudo desmorona, tudo fica sem sentido. Até então, o mundo que nos cercava tinha um sentido: ter uma família, uma casa, um carro, dinheiro, tudo isto estava perfeito, mas algo se passou que nos fez perder este senso de segurança.

Ontem houve uma greve geral para a questão do seguro social. Claro que temos necessidade de sermos segurados para eventualidades, mas que segurança teremos no fim de nossos dias? Não teremos segurança alguma, somente morreremos. É por isto que algumas pessoas sentem esta coisa evidente de forma profunda e começam a busca.

Mestre Dogen disse que cada um de nós está consciente que falecerá, mas que não sabemos quando. Podemos morrer hoje, ou amanhã, a morte nos surpreenderá então quando ainda temos tantas coisas a fazer! Quando é anunciada a morte de alguém próximo a nós, uma pessoa talvez vá beber cachaça até ficar bêbado para esquecer seu medo, enquanto que um outro vá talvez ficar muito sério e se perguntar o que fazer de sua vida.

Isto nos faz pensar na atitude do primeiro cavalo: se bem que batido muito forte (ao sabermos da morte de outrem) não sentimos realmente a dor.

Se um de nossos parentes – pai, mãe, marido ou esposa – falecerem, sofreremos muito, mas como não se trata de sua própria morte, este sofrimento, se bem que profundo, se esvai com a ação do tempo. Quando se trata de um amigo, ou do amigo de um amigo, dizemos: “Ah sim! Ele faleceu, ele era tão moço!” e rapidamente nos esquecemos. Entretanto, para nós também, o termo está ali, estamos condenados a morrer.

Mestre Dogen diz que o mais importante é a qualidade do despertar face à morte, mas que é muito difícil encontrar um ser corretamente desperto para nos guiar em nossa busca. Certas pessoas parecem com pessoas despertas, elas acham que estão despertas, mas não estão. Num outro capítulo do Shobogenzo, Mestre Dogen especifica: É necessário despertar, mas uma só vez não basta, é preciso despertar muitas vezes, constantemente. Se isto não acontecer, este estado de despertar do corpo e mente que chamamos *bodaishin* se parecerá ao olho de um peixe que apodrece rapidamente a o sair da água. A fim de dar a este *bodaishin* as qualidades de uma pérola, é preciso poli-la constantemente. Se cedermos à preguiça, este estado imediatamente desaparece. Existem numerosas razões que nos impelem a buscar o despertar, mas Mestre Dogen insiste sobre a tomada de consciência da *impermanência*. Se bem que saibamos o que a *impermanência* deste mundo, não compreendemos realmente o princípio da *impermanência*. Perdemos tempo com coisas fúteis, não praticamos frequentemente o *zazen*, não estudamos o ensinamento budista, porque Paris é uma grande cidade e existem muitas oportunidades para nos divertir e passear por aí. Mas o fato é que a prática às vezes lembra-se de nós.

No primeiro desenho deste texto dos “Dez Desenhos do Boi”, vemos o rapaz à cata do boi. Este boi é nosso espírito e o rapaz que procura o boi é: “eu mesmo à cata de eu mesmo”.

Na realidade, este boi nunca foi se extraviou, nós nunca o havíamos perdido. No momento que começamos a procurar o boi, o diabo aparece. Entretanto nós nunca havíamos nos perdido e como diz Mestre Dogen, nos colocarmos em marcha à cata de algo no exterior de nós mesmos nos faz distanciar de nós mesmos.

Um exemplo: eu estou aqui. Se fico em *zazen*, estou comigo mesmo, mas se eu começo a procurar, vou procurar fora de mim mesmo. Esta viagem em direção ao externo, este longo caminho para em seguida voltar a si mesmo, isto é o diabo. Neste dojo, quando vocês estão sentados ao meu lado, estão próximos de mim e é por isto que procurar no exterior nos afasta de nós mesmos. O fato de procurar tem por consequência instalar uma distância em relação a si mesmo, de onde provém esta pergunta: já que desde a origem não perdemos nada, por que procurar? Este “por que” é um grande problema.

Quando entramos num mosteiro, existem muitas coisas a serem estudadas. Certas pessoas obedecem regras sem jamais duvidar, enquanto que outras colocam perguntas: Por que fazer uma tal coisa? Por que fazer desta forma? Prefiro fazer de outra forma. Por que? Por que? Por que?

No Japão, no mosteiro onde eu praticava, quando as ordens eram dadas, certos praticantes (Ocidentais especialmente) tinham esta tendência de sempre perguntar porquê, o que fazia os Japoneses sorrirem, porque os Orientais têm o hábito de fazer simplesmente aquilo que é requerido deles, e não duvidar. Claro, no fim de algum tempo, a dúvida pode surgir e nos perguntamos então: Por que estamos aqui? O que estou fazendo aqui? O que é isto de sentar em *zazen*? E é então que nasce o conflito consigo mesmo e que tudo se torna muito difícil. No primeiro ano, tudo vai bem, mas depois de um ano, surge a dúvida: depois de três anos, novamente somos assediados por perguntas, e depois de sete anos a mesma coisa acontece novamente. Por que estou aqui? Qual é o objetivo?

Entre os monges que treinam no mosteiro, alguns não pensam, somente praticam. Entretanto, tal atitude não é boa. Com efeito, no fim de um ano, a pessoa acaba dominando todos os rituais, sabemos perfeitamente como utilizar o *oryoki* (as tigelas), como usar o *kesa*, como fazer as cerimônias, como bater o sino, o gongo... Não é preciso se preocupar com alojamento e com despesas ou questões de dinheiro, é simples, é confortável, mas é perigoso porque isto vira uma rotina que consiste em fazer aquilo que é esperado de você sem que haja uma motivação verdadeira ou uma inspiração de sua parte. É uma atitude perigosa. Como então encontrar uma atitude justa? Meister Eckhart dizia que quem é virgem sempre segue a ovelha, não importa onde esta vá, quer seja em coisas difíceis ou coisas fáceis. Quando tudo está fácil, todos ficam felizes e vão atrás das circunstâncias, mas quando subitamente tudo fica difícil, então não é tão fácil. É como no zen: quando a prática fica difícil, nos encontramos diante de uma porta estreita que temos que ultrapassar. Esta passagem não é acessível a todos: o frio fica marcante, o medo se instala, atingimos as alturas, “alturas” querendo dizer estar profundamente instalado no coração de sua própria solidão onde não podemos contar com nada exceto nós mesmos. Entretanto, este momento é muito importante, e é preciso continuar a avançar em frente. A constância do praticante zen é parecida àquele de quem é virgem e que segue as ovelhas. Às vezes é a experiência é muito boa, às vezes atravessa momentos muito difíceis. Este rapaz do primeiro desenho ainda não encontrou o boi, e está completamente perdido; não sabendo quem ele é, ele ignora o que é aquilo que ele busca, não sabe sequer para onde se dirigir, ele está realmente completamente perdido.

“Estar perdido” não é um problema que possamos arrumar de forma intelectual, é uma sensação que invade o corpo e o espírito. Neste momento, é muito difícil encontrar uma pessoa que possa nos auxiliar a despertar o bodaishin, mas apesar de tudo, é preciso continuar a buscar, infatigavelmente, não importa em que condições. Mais uma vez, de onde vem esta vontade de busca? As teorias budistas dizem que é a natureza de buda que desperta. Desde a origem você jamais esteve perdido, mas quando busca, a natureza de buda desperta e quer lhe ver. A natureza de buda deseja que você seja realizado neste mundo, com este corpo e esta mente.

Isto que acabei de dizer quanto a este texto é minha própria interpretação. Por favor, leiam os comentários, e interpretem-lhes vocês mesmos. Amanhã veremos outros desenhos.

2. ACHANDO PISTAS



Através do estudo dos sutras e de ensinamentos, ele encontra pistas do paradeiro do Boi. (Ele foi informado que justamente como) Vasos diferentes (de ouro) são todos basicamente do mesmo ouro, da mesma forma toda e qualquer coisa é uma manifestação do Self. Mas é ainda incapaz de distinguir o bem do mal, a verdade da falsidade. Não entrou realmente ainda o portal, mas vê tentativamente as pistas do Boi.

*Inúmeras pegadas ele observou,
Nas florestas e pela margem da água.
Não é um tanto de capim amassado que ele vê acolá?
Mesmo as grotas mais profundas das montanhas mais inacessíveis
Não podem ocultar o nariz deste
Boi que se eleva até os céus.*

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

Durante este sesshin, eu estou abordando este texto dos dez desenhos do boi. Na realidade o boi não aparece senão em quatro desenhos dentre os dez desenhos. Nas duas primeiras ele não aparece, aparece nos desenhos 3, 4, 5, 6 e o rapaz tampouco está sempre presente.

Este processo de treinamento começa pela busca do boi, e observamos que neste segundo desenho, pistas são encontradas. Neste estado, começamos talvez a consultar livros sobre o zen ou sobre o budismo, ou então a nos encontrar com mestres e este contato irá alterar radicalmente nossa vida, com a condição deste encontro com um livro ou com um mestre ser de intensidade suficiente. Este encontro com o mestre é muito importante porque graças a ele, você se encontra com você mesmo, podemos dizer que o si mesmo encontra o si mesmo.

Para Mestre Dogen, existem duas etapas importantes: primeiramente, o despertar de seu corpo e mente e em seguida o encontro com o mestre correto. O que vem a ser um bom mestre? Mestre Dogen sublinha que não é a idade que determina a qualidade do mestre, nem seu conhecimento das teorias budistas ou de cerimônias. Tampouco seria sua facilidade de falar sobre múltiplos assuntos, tudo isto que não é senão uma cascata de palavras, tem pouca importância. O que importa, é a transmissão correta do *Dharma* por um mestre autêntico. Entretanto, se bem que esta seja a base, nem sempre é suficiente: o mestre tem que ter uma energia fora do comum, que podemos descrever como “uma energia vital podendo atingir os céus”. É assim que podemos reconhecer um mestre correto. Quando encontramos com o Dharma verdadeiro através de um autêntico mestre, nossa vida muda por completo bem como nossa mente. A mente desperta (*bodaishin*) desperta para encontrar o caminho supremo. A partir do encontro com os livros, com o mestre, o treinamento começa.

3. PRIMEIRA VISÃO DO BOI



Se ele somente ouvir atentamente os sons cotidianos, ele chegará naquele momento a uma realização da Fonte mesma. Os seis sentidos não são em nada diferentes desta verdadeira Fonte. Em toda atividade a Fonte está manifestamente presente. Isto é parecido com o sal na água, ou à cola na tinta. Quando a visão interna estiver adequadamente focalizada, a pessoa percebe aquilo que é visto como sendo idêntico à verdadeira Fonte.

Um sabiá canta num galho,
O sol brilha em chorões ondulantes.
Ali se queda o Boi, onde mais poderia ele ter se escondido?
Aquele esplêndida cabeça, aqueles chifres majestosos,
Qual artista os poderia adequadamente configurar?

Mestre Tokuda não fez comentário a este desenho devido à curta duração deste sesshin

4. SEGURANDO O BOI



Hoje ele encontrou o Boi, que por muito tempo esteve pastando nos capões selvagens, e realmente desta feita ele o segurou. Durante muito tempo ele perambulou nestas paragens, e quebrar seus velhos hábitos agora não vai ser tão fácil. Continua a querer capim fragrante, ainda é teimoso e selvagem. Querendo-o domar completamente, deve-se utilizar o chicote.

*Ele deve agarrar a corda firmemente e não a largar,
Pois o Boi tem tendências que não são as mais saudáveis. Agora ele corre
para os platôs, Mais adiante vagabundeia por uma ravina nublada.*

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

O combate consigo mesmo começou. O rapaz e o boi puxam a corda cada um de seu lado. É um momento muito difícil do treinamento. O encontro com o mestre se coloca da mesma forma.

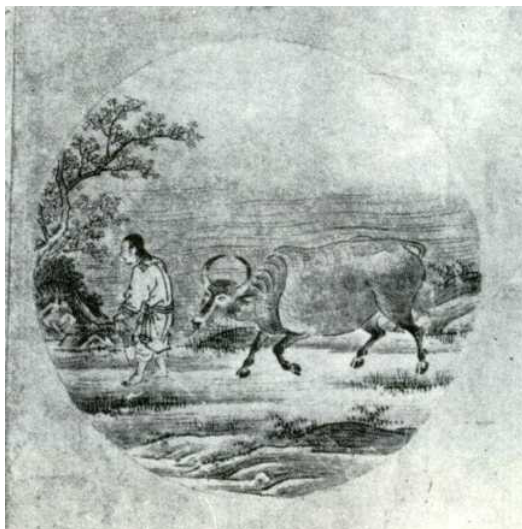
Quando o mestre lhe faz uma pergunta e você se apressa de responder, se você encontrar uma resposta e lhe submeter, ele provavelmente lhe responderá: “Não”. Entretanto, este é um momento muito importante. Com efeito, se você estiver ligado com suas próprias idéias, você começará a discutir com ele. Mas o mestre jamais discute com o aluno, e se ele for um mestre correto, quando ele disser “não”, é “não”. Este momento é crucial na relação mestre e discípulo. Se o discípulo tiver confiança no seu mestre, ele deve aceitar o “não” e abandonar suas próprias idéias. Se o mestre disser: “Você não está de acordo comigo?”, ele quer simplesmente tornar compreendido que você está errado. O mestre tem a autoridade do *Dharma* e jamais discute com seus discípulos. E se o discípulo tiver uma total confiança quanto a seu mestre, ele aceita que o não seja “não”, e abandona suas idéias e se desembaraça de seus conceitos. Em seguida, o discípulo deve concentrar toda sua força, não somente intelectual, mas aquela do corpo e mente, para achar uma outra resposta que submeterá ao mestre. E se, mais uma vez, o mestre disser “não”, novamente o discípulo deve abandonar suas idéias. Para o discípulo começa então um período extremamente difícil onde ele deve combater si mesmo. É a passagem pelas trevas. Não se trata de trevas quando se duvida somente mentalmente, todo o corpo vira uma massa de dúvida. Não é uma dúvida entre outras, é *a dúvida*. Se você conseguir resolver esta dúvida, terá resolvido todos seus problemas. Durante este período “a corda” entre o mestre e o discípulo fica muito tensa, como no desenho 4 do rapaz que luta por segurar o boi.

Do outro lado o mestre – com a condição que se trate de mestre autêntico – também é você mesmo. Neste momento do treinamento, você pode se dar conta se o despertar de sua mente está correto ou não. Com efeito, tendo já atrás de si alguns anos de prática de zen, você poderia ficar tentando de se largar e de simplesmente viver continuando a sentar em *zazen* ou lendo livros sobre o budismo. Mas desde que esta agulha, esta dúvida, entre profundamente em seu espírito, não é mais possível ignorá-la. O verdadeiro mestre, é ser sincero para você mesmo. Na Bíblia está dito: “Vomito os mornos”: se você não for nem quente nem frio, pode ser que nunca venha a resolver seus problemas.

Shikantaza quer dizer “somente sentar”. Esta tradução, se bem que bela, é perigosa, porque podemos nos sentar durante quinze ou vinte anos sem que se passe nada, e é por isto que na escola Soto insistimos que esta sentada seja comparável àquela de um dragão prestes a decolar para o céu. Desde a origem você tem asas que lhe permitem voar e mesmo assim está sentado como um cocô de vaca! Não será desta forma que vai resolver seus problemas.

O *zazen* pode ser comparado com a imagem de acender um fogo: nos tempos antigos, para acender um fogo, era necessário esfregar a madeira até que ela se aquecesse, e quando aparecia uma fumaça, não se devia parar de esfregar. Dizer que é inútil buscar o despertar porque desde a origem somos já despertados pode nos levar a pensar que é suficiente sentar, com o perigo que o *zazen* vire uma rotina. O verdadeiro *zazen* consiste da realização de si mesmo a cada momento e é por isto que demanda muita energia. Você não é nem peixe nem carne, quem é você? Um cocô de vaca! Estou desolado, não deveria dizer tal coisa, mas o ponto sobre o qual quero insistir é que este tipo de prática mole não pode jamais resolver problemas.

5. DOMANDO O BOI



Com o surgimento de um pensamento, outros aparecem. A iluminação traz a percepção que tais pensamentos são ilusórios, já que até mesmo eles procedem da Verdadeira-Natureza. É somente porque a ilusão ainda permanece, que eles são imaginados como sendo verdadeiros. Este estado de ilusão não se origina no mundo objetivo, mas sim de nossas próprias mentes.

Ele deve segurar a corda da argola do nariz tenazmente, e não permitir que o Boi saia por aí, para que não se perca em lugares contaminados e fantasmagóricos.

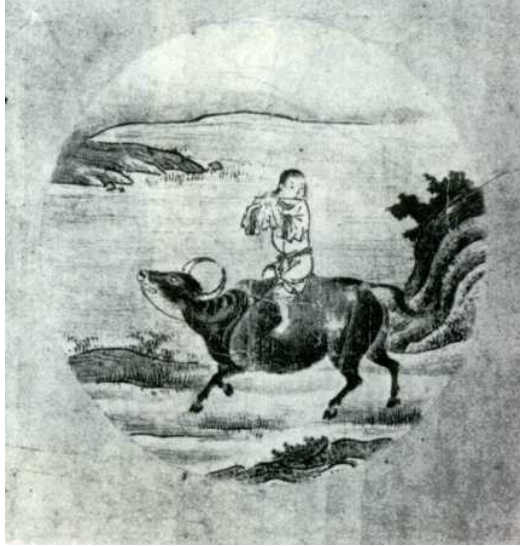
Adequadamente tratado, eis que ele se torna limpo e tranquilo.

Sem cabresto, ele segue seu dono por vontade própria.

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

Seu treinamento torna-se mais harmonioso e a corda não está tão tensa. O boi segue o rapaz naturalmente. Você pratica cada dia, mas se bem que seu treinamento tenha se tornado bastante bom, é insuficiente e é por isto que temos que passar para o desenho seguinte

6. CAVALGANDO O BOI PARA CASA



A luta terminou, “ganho” e “perda” não mais o atingem. Ele assobia a canção rústica dos lenhadores e montanheses, e toca as singelas cantigas das crianças da aldeia. Cavalgando o Boi, ele serenamente fita as nuvens acima. Sua cabeça não mais se volta (na direção de tentações). Mesmo que tentem com todas as forças, não mais o moverão.

Cavalgando livremente como o ar, ele alegremente se dirige para casa, através das névoas do entardecer, usando um grande chapéu de palha e uma capa.

*Onde quer que vá, surge uma brisa fresca,
Enquanto que em seu coração uma profunda tranqüilidade prevalece.
O Boi não requer mais sequer um só talo de capim.*

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

O rapaz cavalga o boi tocando uma música caipira na flauta. É costume dos grandes mestres fazerem poesia, quer seja em japonês, em chinês ou mesmo em português. Estes textos têm ao mesmo tempo um alcance poético e filosófico.

Neste estado, não há mais rapaz no dorso do boi, nem boi que leve o rapaz. É a harmonia completa, não é mais necessário conduzir o boi, ele se conduz a si mesmo.

7. BOI ESQUECIDO, *SELF* SOZINHO

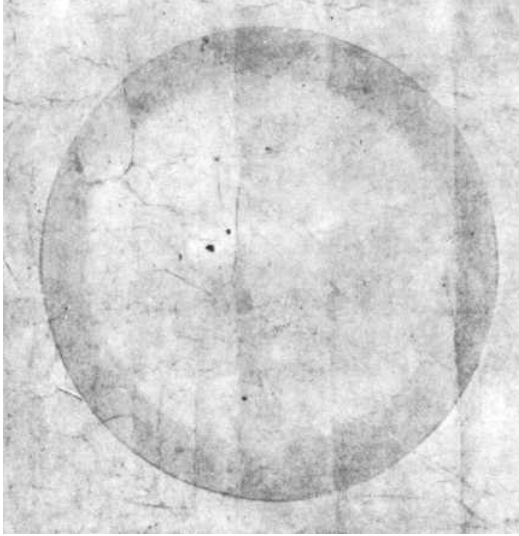


No Dharma não existem dualidades. O Boi é sua Natureza-Original: isto foi o que ele ora constatou. Uma armadilha não se torna mais necessária uma vez que o coelho tenha sido pego, uma rede é inútil quando o peixe está aprisionado. Como o ouro que foi separado do refugio, como a lua que saiu dentre as nuvens, um raio de Luz brilha eternamente.

*Tão somente usando o Boi, ele foi capaz de atingir sua Casa,
Mas eis que agora o Boi desapareceu, E sozinho e sereno ele se queda.
O sol, vermelho como um tição, percorre o céu
Enquanto que ele sonha placidamente.
Em algum lugar debaixo do telhado de sapé,
Estão seus agora inúteis chicote e cabresto do boi.*

Mestre Tokuda não fez comentário a este desenho devido à curta duração deste sesshin

8. TANTO BOI QUANTO SELF ESQUECIDOS



Todos os sentimentos ilusórios, bem como ideias de santidade desapareceram de sua mentalidade. Ele não mais permanece no estado de “Eu agora sou Buda,” e ele passa rapidamente onde existe o estágio de “E agora eu me livrei do orgulhoso sentimento de “Eu não sou Buda”. Mesmo as mil vistas (dos quinhentos Budas e Patriarcas) não mais podem perceber nele qualquer modalidade específica. Se centenas de pássaros agora espalhassem flores pelo seu quarto, em louvor, ele apenas se sentiria envergonhado de tal.

Chicote, corda, Boi e homem, todos pertencem ao Vazio.
Tão vasto e infinito é o céu azul,
Que não existe qualquer conceito que o possa descrever.
Por sobre um fogaréu chamejante, um floco de neve não pode subsistir.
Quando este estado mental é alcançado,
Chega finalmente a compreensão do espírito dos velhos patriarcas.

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

Neste estágio tudo desaparece. A dualidade desaparece. O sagrado desaparece. É dito que onde há Buda não se deve quedar, onde não há, por favor passe rapidamente.

Este desenho 8 não é a seqüência lógica das precedentes. Este desenho 8 é a experiência do zen. Sem esta experiência, o treinamento continua, claro, mas nada mais é do que um simples treinamento. Com esta experiência do desenho 8, você se torna um mestre. Este desenho quer dizer: abandone corpo e mente e tudo desaparece. É o que se chama de *dharmakaya* “o corpo cósmico do Buda”. Na realidade, esta vacuidade é o verdadeiro Si Mesmo. Sem a vacuidade, existem sempre eu e outro, a pessoa permanece na dualidade.

Nos dias de hoje, e isto é muito lamentável, certas pessoas criticam os mestres. Esta atitude prova que o ego está sempre presente. Quando aparece um grande mestre, com ele aparecem numerosos discípulos, bons discípulos bem como maus discípulos e são estes últimos que debatem entre si.

Na época do Sexto Patriarca houve combates entre os representantes da escola do Sul e aqueles do que seria chamado em seguida de escola do Norte. Existe um livro chamado “O Sutra da Plataforma do Sexto Patriarca Hui Neng”, que Mestre Dogen não apreciava muito – escrito por um discípulo do Sexto Patriarca que criticava um outro mestre. A crítica coloca um problema.

O círculo representa o Eu, e também o verdadeiro Si Mesmo, a saber nem corpo nem mente. Quero insistir sobre o fato que não é o treinamento com o boi, tal como descrito dos desenhos 1 a 7 que é importante. Durante este período, passando por todos estes estados, você pode treinar não importa onde, até num mosteiro, sem todavia acessar o estágio 8. Este estágio 8 somente pode tomar lugar num campo de batalha, é uma questão de vida e morte. Não se trata de um estudo sistemático, mas de ter a experiência do sofrimento, do desespero mais profundo, de ultrapassar os limites de seu corpo e mente. Se bem que nos dias de hoje o zen esteja se espalhando pelo mundo, constatamos que nem as escolas nem os mosteiros preparam para este estágio. Não restam senão poucos mestres autênticos, podemos dizer que suas presenças sejam como a pálida luz das estrelas da aurora: não somente eles são pouco numerosos, mas logo terão completamente desaparecido. É o estado das coisas do presente dia. Para os mestres também é muito difícil, porque não existe nenhum meio de fabricar monges ou mestres zen. É preciso sofrer a *impermanência* do mundo para despertar seu corpo e mente, e isto leva tempo. Se muitos peixinhos mordem o anzol, os grandes peixes não aparecerão senão ocasionalmente. Ora, precisamos de um grande peixe! Este “grande peixe” pode ser considerado como “um general zen” que não tem necessidade de se cercar de numerosos soldados ou oficiais de elite, um ou dois generais são o suficiente. Na França somente uma pessoa é suficiente e sua presença pode mudar a história. Estamos na era pós-moderna, no fim do milênio, que é uma época de grandes mudanças.

9. VOLTANDO A FONTE



Desde o começo mesmo não houve jamais sequer um só grão de pó (que prejudicasse a pureza intrínseca). Ele observa o ir e vir da vida do mundo, enquanto que fica calmamente num estado de inabalável serenidade. Este (ir e vir) não é uma ilusão ou uma fantasia (mas uma manifestação da Fonte). Por que então existiria qualquer necessidade de se lutar por obter qualquer coisa? As águas são azuis, as montanhas verdes. A sós consigo mesmo, ele observa como as coisas mudam infinitamente.

Ele voltou à Origem, tendo retornado à Fonte,
Mas seus passos foram dados em vão.
É como se ele fosse agora surdo e mudo.
Sentado em sua cabana, ele não mais busca por coisas no exterior.
Os rios fluem abandonadamente,
Enquanto que as flores vermelhas, vermelhas são.

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

Aqui aparece a vacuidade completa, o nada total e neste momento uma flor desabrocha. Chamamo-la de “a flor do vazio”. Quando uma flor se abre o mundo aparece. Esta flor do vazio é a reencarnação da vacuidade. Esta vacuidade é o verdadeiro Eu. Esta flor, que é a reencarnação do seu verdadeiro “Eu”, é você mesmo, a realização de você mesmo. Antes, quando nós olhávamos, por exemplo, os brotos das árvores, as flores da primavera, estávamos na dualidade já que havia um objeto observado e um sujeito que olhava, mas no estado descrito aqui, vemos todos os fenômenos deste mundo segundo um outro ponto de vista, e tudo que vemos é também nós mesmos.

10. ENTRANDO NA PRAÇA DO MERCADO PREPARADO PARA AUXILIAR OUTROS



O portão de sua cabana está cerrado, e até o mais sábio não mais pode descobrir seu paradeiro. Seu panorama mental finalmente se esvaiu. Ele segue seu próprio caminho, não fazendo qualquer tentativa de seguir nos passos dos velhos sábios. Carregando uma tigela, ele passeia na praça do mercado; apoiado em seu bastão, retorna para casa. Conduz peixeiros e açougueiros ao Caminho de Buda.

*De peito nu, descalço, ele entra na praça do mercado.
Sujo de lama e poeira, que amplo é seu sorriso!
Sem recorrer a poderes místicos,
Faz com que árvores murchas rapidamente revitalizem-se, reflorescendo.*

COMENTÁRIO DE MESTRE TOKUDA

No desenho 10, duas pessoas estão presentes: um monge *bon vivant* e o rapaz, mas na realidade estes dois seres são também você.

Mestre Dogen dizia que quando você abandona corpo e mente, abandona também um outro corpo e mente. Quando eu me torno a vacuidade, quando perco meu ego, quando estou em toda parte, uma outra pessoa se torna “eu mesmo”, eu me torno “um outro eu”, o que quer dizer que eu me torno eu mesmo.

Antes havia você e eu, duas pessoas diferentes, ou seja, a dualidade, se bem que na realidade “eu” seja você, e “você” seja eu. Como já observamos anteriormente, o treinamento descrito nos desenhos 1 a 7 não são suficientes. É a partir da vacuidade do estágio 8 que nossa visão se altera radicalmente.

Este texto (desenho 10), nos diz: Por que deveríamos ir à cata dos patriarcas? Assim foi o caminho de Mestre Deshimaru que deixou o Japão para trazer o zen para a França. Um mestre japonês diz que copiar, calcar seus atos em tudo que se passa num mosteiro, isto aí é a iluminação. Onde está a iluminação? Onde está a criatividade? Onde está a liberdade? Mesmo assim, se bem que copiar a forma seja algo de importante, isto não basta. É necessário esquecer tudo para seguir seu próprio caminho, é preciso criar com uma energia forte e dinâmica. Quem pode realizar isto? Aquele for capaz disto é chamado (em japonês) *taiko*, “o grande Eu”. Este mestre já é meu “grande Eu” porque ele realizou meu eu. Com efeito, tal ser que possui uma energia tão poderosa é capaz de mudar a vida de um outro ser. Se ele não possuir tal energia, se se queda no estágio da imitação, ele saberá usar os *oryoki* (as tigelas), fazer cerimônias etc., mas não irá muito mais longe do que isto.

Se este mestre se encontrar com um rapaz, no mercado da rua Daguerre por exemplo, ele não terá necessidade de lhe dizer: Sou um mestre, nem de lhe falar do *Dharma*, porque o simples contato com este mestre poderá mudar a vida daquele rapaz e fazer com que ele decida começar a praticar. Se um simples contato é suficiente, é porque se trata de um grande mestre. Sem que o mestre tenha necessidade de dar explicações sobre o *Dharma*, o rapaz irá pesquisar sozinho os estágios 1, 2, 3, 4, etc., ele irá começar sua luta com o boi. O simples fato de fazer surgir este tipo de motivação demonstra a capacidade, a qualidade dos grandes mestres. Este grande mestre é também você mesmo.

De fato, estes três últimos estágios não descrevem estágios diferentes que se sucedem, mas representam um outro aspecto de você mesmo.

Neste estágio da vacuidade, ou de unidade, quando você vê uma flor, você vê você mesmo. Você vê esta flor, penetra nela, seu “si mesmo” abre esta flor, e quando uma flor se abre, o mundo aparece. Então, tudo que vemos, tudo que é feio ou bonito, tudo é si mesmo. Surgem então o amor, a compaixão, o desejo de ajudar os outros, ao mesmo tempo que compreendendo que ajudar os outros é ajudar a si mesmo. Normalmente é fácil de se compreender si mesmo e é difícil de compreender os outros, mas neste estado de vacuidade, você compreende o outro como se ele fosse você mesmo, você realiza que somos todos parecidos: temos os mesmos problemas, nos deparamos com as mesmas dificuldades, provamos os mesmos apegos...

Quando o Grande Si Mesmo e o rapaz se encontram, a partir disto o ciclo de desenhos 1 e seguintes se repete. No “Genjo koan”, Mestre Dogen nos diz: “Estudar o caminho do Bu-

da é estudar si mesmo. Estudar si mesmo é esquecer si mesmo. Esquecer si mesmo é estar desperto por todos os seres. Estar desperto por todos os seres é abandonar seu próprio corpo e sua própria mente bem como o corpo e mente de outros. Então as pistas do despertar se apagam e o despertar sem pistas segue a si mesmo eternamente”. Quando este rapaz desperta para o grande “Si Mesmo”, ele recomeça indefinidamente o ciclo do treinamento. Este ciclo, que representa a eternidade, é você mesmo. É muito importante o esquecimento.

No texto do desenho 8 está escrito: “Se centenas de pássaros jogassem flores no meu caminho, tal homenagem não teria significado algum”, o que quer dizer que chegando a tal estado, o rapaz teria vergonha de deixar pistas.

Subhuti, um dos grandes discípulos do Buda – especialista das teorias sobre a vacuidade – estava um dia sentado em zazen. Então quando entrou em samadhi, uma chuva de pétalas de flores caiu sobre ele. Ele disse: “O que está acontecendo aqui?” Uma voz lhe respondeu: “Sou o deus do vazio”. “Mas o que você está fazendo?” “Estou manifestando minha admiração porque você está falando tão bem da vacuidade!” “Mas eu nada disse, somente estou aqui”. “Justamente por isto você está falando tão bem sobre a vacuidade”. E as pétalas de flores continuavam a cair sobre Subhuti que de fato estava envergonhado que alguém, mesmo que fora um deus, lhe tivesse podido ver.

Na escola Soto, existe um treinamento chamado “O caminho do passarinho”, porque o passarinho não deixa pistas. Se você deixa pistas isto é uma vergonha, porque alguém poderia ver estas pistas e conseqüentemente você mesmo. E quando aqueles que lhe vêem vêm lhe admirar e lhe fazer oferendas, então você pensa: “Todos estes presentes, estes sinais de respeito, estas honrarias, provam que cheguei ao mais elevado grau de treinamento”. O ego se manifesta e neste momento você cai novamente. O Eu Mesmo não é o ego, é o universo. Como você poderia ficar satisfeito com seu pequeno treinamento? Como poderia ficar orgulhoso deste treinamento? Mesmo que você tivesse muitos discípulos, uma *sangha*, tudo isto é nada, porque tudo é a vacuidade. A grande compaixão age, não somente em relação ao seu ambiente, para a *sangha*, ou os pacientes de seu consultório. A grande compaixão é sem condições, ela transcende o tempo, ela não se limita ao ambiente presente, ela está igualmente dirigida em relação às pessoas do futuro, em direção àqueles que ainda não encontramos, ela transcende o espaço. Falamos frequentemente do “espaço-tempo”, mas apreciaria muito se alguém me explicasse o que este espaço-tempo... Então, além do grupo ao qual pertencemos, a grande compaixão permite entrar em contato com pessoas que não estão lá fisicamente.

Nunca vocês vão me ouvir dizer que meu grupo é único porque ele se beneficia de uma transmissão direta, autêntica. Eu diria mais que este grupo Maha Muni bate pino, mas que continuamos porque não temos escolha! E graças a Deus, já que nos é permitido prosseguir, Maha Muni não vai morrer tão rápido.

Eu tenho que ir ao Brasil, e digo a vocês que vou voltar com cinco *kyosaku*. De fato, cinco *kyosaku* não serão suficientes, porque quebro cinco durante um *sesshin*. Sou um especialista de quebrar *kyosakus*. Quando eu voltar, preparem-se.

Não há tempo suficiente de comentar estas dez imagens detalhadamente.

Ontem falamos do desenho 8, que diz respeito à vacuidade, o “Nada” absoluto. Sobre este desenho, o boi e eu somos todos os dois transcendidos, o boi e eu somos todos os dois

esquecidos, o rapaz e o boi desapareceram completamente. Lembrem-se, o rapaz não está somente à cata do boi, este boi é o si que se busca, o eu que busca o Eu. O estágio 8 onde o rapaz e o boi desaparecem é o estágio mais importante. No budismo, o ensinamento fundamental é aquele da teoria do *anatman*, “não-ego”, que quer dizer também a *impermanência*. Na noção de *impermanência*, existe a noção da interdependência dos fenômenos. Não se pode falar de “identidade” já que na realidade não há o ego, o ego sendo uma ilusão.

Nós dissemos que os estágios de 1 a 7 representavam o processo de treinamento de si mesmo. Se bem que tais etapas sejam importantes, se não chegarmos ao estágio 8, as fases precedentes não representam praticamente nada.

Mestre Dogen dizia que se bem que o fato de controlar sua mente seja muito importante, a verdadeira maestria da mente consiste em não ter mais necessidade de controlá-la. Claro que é muito importante treinar duramente de dez a dezesseis horas por dia, se levantar muito cedo de manhã, não comer muito, não deitar, não dormir demais, mas isto não é suficiente, aqui se trata tão somente de treinamento básico. Dentre todas estas pessoas que treinaram assim, quantos entre eles conseguiram obter a iluminação? Bem poucos, sem dúvida, porque o domínio do espírito é muito difícil.

Mestre Dogen dizia igualmente que não é necessário queimar incenso, se prosternar, confessar, contar sutras... é preciso somente sentar e deixar corpo e mente caírem.

Nos dias de hoje, na escola Soto, abandonamos um pouco esta prática do *shikantaza* “somente sentar”. Talvez a escola Rinzai pratique o *zazen* mais assiduamente.

Quando lemos livros de Mestre Dogen, notadamente o *Zuimonki*, ou o *Hokyoiki*, constatamos que eu mestre era muito severo. Quando os monges adormeciam durante o *zazen* (os períodos de sono eram muito curtos), o mestre utilizava não somente o *kyosaku*, mas igualmente seu chinelo para golpeá-los. Quando o responsável dos monges dizia ao Mestre: “Porque dormimos muito pouco, muitos monges acabam dormindo no *zazen*. Será que não seria possível aumentar um pouco o tempo de repouso? Nosso *zazen* ficaria melhor com isto”. A tal o mestre responderia: “Não, de forma alguma, porque somos todos preguiçosos por natureza, e o fato de dormir mais tempo nada mais fará que prejudicar o *zazen*”. E ele acrescentaria: “Estou envelhecendo, minhas forças estão decrescendo, não tenho mais força para bater convenientemente e é por isto que não surgem mais bons monges”. Às vezes ele dizia: “Eu bato em vocês, fico desolado com isto, mas é meu dever, tenho que fazê-lo. Estou envelhecendo e muito em breve vou me aposentar. É necessário que eu bata em você a fim de que vocês se tornem bons monges ou futuros mestres. É por isto que eu bato em vocês, e mesmo assim este ato me espanta a mim mesmo”.

Naquela época, em geral, os monges praticavam o *zazen* das duas horas da manhã até as dez da noite, dormindo somente quatro horas, e como não havia *binbin*, quando sentiam-se muito fatigados, se levantavam e iam para o lado de fora para descansar, voltando em seguida para a sala de meditação.

Um dia Mestre Nyojo disse: “Estou desolado de ter que bater assim em vocês, mas é necessário para que despertem”, certos monges, ao ouvir isto, choravam. É a prova que este ato de bater não era uma manifestação de violência ou de agressividade, mas um ato de amor profundo. Aliás muitos monges, tendo compreendido isto, queriam receber mais frequentemente o *kyosaku*. Esta prática que existia na escola Soto, praticamente desapareceu nos dias de hoje. Mestre Sawaki, como podemos ver em seus escritos, praticava apro-

ximadamente da mesma forma, especialmente naquele mosteiro situado na montanha, onde ele se encontrava cercado de animais selvagens. Naquela época ele praticava de forma muito rigorosa, das duas da manhã às dez da noite. Foi provavelmente nesta época que Mestre Deshimaru praticou com ele enquanto era ainda leigo. Se bem que certos leigos que se tornaram monges não tenham tido, contrariamente aos discípulos, contato pessoal com Mestre Sawaki, suas vidas foram completamente transformadas pela influência de Mestre Sawaki, e em seguida se dedicaram completamente à prática de *zazen*. Aqueles que participaram juntos a um treinamento com um mestre como Mestre Sawaki jamais podem esquecer desta experiência e quando, mesmo passados anos, se reencontravam, se reconheciam como fazendo parte daqueles que ultrapassaram juntos “a porta do dragão”.

Há três ou quatro anos ocorreu nos Estados Unidos um *sesshin* especial organizado pelo mestre do templo de São Francisco, do qual eu participei com outros mestres da escola Soto, entre os quais Maezumi Roshī. Quando um mestre estava dando um *teishō*, ele disse: “Nunca pratiquei com Mestre Sawaki, mas a leitura de seus livros transformou minha vida a tal ponto que eu me considero como um de seus discípulos”.

Quando surge esta experiência de não-ego, de vacuidade, é muito importante transmiti-la. Este estado que chamamos “O Si Mesmo Sem o Si Mesmo” é aquele da morte do ego, da morte espiritual. Dizer que uma pessoa é a reencarnação do Buda Maitreya, por exemplo, é se expressar do ponto de vista do ego. De fato, quando entramos neste estado da vacuidade e que a partir desta vacuidade voltamos para a terra, esta reencarnação é a reencarnação do “Nada”, do vazio absoluto. O Buda Sakyamuni, Bodhidharma... se reencarnaram milhares de milhares de vezes, neste sentido da reencarnação da vacuidade, o que quer dizer também que o Buda Sakyamuni e o Buda Maitreya estão praticando neste momento conosco. Dizemos que o Buda Sakyamuni e o Buda Maitreya são os servidores de um outro. Mas quem é este “outro”? Este “outro” é a vacuidade. O Buda Sakyamuni e o Buda Maitreya provêm deste “outro”, esta vacuidade, da qual são servidores. O verdadeiro Si Mesmo é a vacuidade. É preciso que compreendamos isto e não cometamos erros.

Sobre todas os desenhos do texto de Kakuan (texto dos dez desenhos do boi), observamos não somente que a vacuidade está representada por um círculo, mas que este círculo está presente em cada um dos dez desenhos, se bem que a imagem no interior dos círculos apresente cenas muito diversas umas das outras. Esta vacuidade está constantemente apresentada, nestes desenhos e em nós mesmos, não importa em que circunstâncias, não importa quais sejam nossos prazeres e nossos sofrimentos, quer pratiquemos quer procuremos o boi. Compreendendo isto, podemos mudar o karma de nosso passado. Durante o decurso de nossa pesquisa, existem momentos onde ficamos confusos, atravessamos períodos que são penosos se que em você mesmo possa existir a mais perfeita vacuidade. Se você compreender isto, em sua busca pelo boi, todas suas questões, todas suas dúvidas, se transformarão e você poderá então aceitar aquilo que se passa no mundo sem ser afetado, porque não haverá mais dualidade; não haverá mais noção do bem e do mal, você verá o mundo como sendo perfeito. Entretanto, isto não basta: precisamos da sabedoria para evoluir neste mundo material. Como diz o comentário do desenho 1: “O boi nunca se perdeu. Por que seria preciso buscá-lo?” De fato, tudo vem do “eu”; em busca do “eu”, partimos em busca do “eu”. É por isto que chamamos isto de “o despertar da natureza de buda”. Se bem que ninguém saiba como isto se produz, tenho certeza de uma coisa: se você está aqui, hoje, é porque no passado você já havia praticado o *zazen* e você está voltando para prosseguir nesta prática.

Eu disse que o desenho 8 “a vacuidade absoluta” era particularmente importante. Mas se ficarmos neste nível sem acessarmos às experiências nos desenhos 9 e 10, todo este treinamento não terá servido para nada. O budismo não é fácil de se compreender, a tal ponto que filósofos ou representantes de outras religiões o consideram às vezes como uma forma de niilismo. Estudar o budismo de um ponto de vista teórico não é suficiente. O momento da experiência verdadeira da vacuidade é seguido imediatamente do renascimento, do retorno à origem. O estágio que chamamos “a grande morte” é seguido do “grande renascimento”. Num *sesshin* anterior, eu disse que o universo inteiro não nos escondia nada. Uma pessoa dirá: Existem tantas coisas diferentes neste mundo! É maravilhoso, é uma manifestação da glória de Deus; uma outra pessoa dirá: Para mim, o maravilhoso é que todas as coisas são “Unas”, é a presença de Deus. Deus, ou a natureza de buda, é o Si Mesmo. A partir da vacuidade a flor se abre.

Voltemos ao desenho 9 “Chegando à fonte”. Observando todos os fenômenos, você começa a ler os sutras e assim se realiza este encontro com você mesmo, no seio da natureza; você não está mais separado da natureza, você é a natureza, e com este fato você está consciente que é preciso cuidar dela. Devemos não somente cuidar da natureza, mas de todos os seres, sem discriminação. Si mesmo está com um outro si mesmo, encontra um outro si mesmo, isto é igual: o si que encontra o grande Si, e assim o *Dharma* se transmite eternamente. É o segredo de *anatman* (o não-eu), da reencarnação do não-ego. Mas o não-ego pode se reencarnar? Se alguém perguntar: “No budismo a reencarnação existe?”, eu respondo: “Sim e não, é uma questão de ponto de vista”. Tudo é vacuidade e todos os fenômenos são interdependentes e condicionados. De um outro lado, quando você entra na vacuidade, pode voltar para a terra muitas e muitas vezes, com toda liberdade, você pode escolher seus pais, escolher o momento e o lugar de seu nascimento, para continuar a ajudar os outros. Se você crê na reencarnação, você tem a escolha entre refazer o mesmo tipo de experiência ou mudar completamente a vida. Se você quer achar novamente o mesmo tipo de vida, é porque esta vida foi feliz. Há muitas coisas a serem feitas e muito pouco tempo para as fazer, é a razão pela qual é preciso voltar numerosas vezes, e é a razão pela qual dizemos que a vida do buda é eterna.

Não tivemos tempo de tecer comentários aprofundados sobre estes desenhos, especialmente do 2 ao 7, e estou desolado por isto, mas como já sublinhei, eu peço a vocês, leiam os comentários e interpretem-nos vocês mesmos.

Obrigado por suas atenções

Fim do *sesshin*.

Neste texto foram usadas as seguintes fontes livres usando licença *creative commons*:

VTKS GOOD LUCK FOR YOU <[HTTP://WWW.DAFONT.COM/VTKS-GOOD-LUCK-FOR-YOU.FONT](http://www.dafont.com/vtks-good-luck-for-you.font)>
MYNDRAINE ([HTTP://WWW.DAFONT.COM/MYNDRAINE.FONT](http://www.dafont.com/myndraine.font))